

16/1/1985

Roberto Gusmão, elo da Conexão São Paulo-Minas

Com os olhos semifechados, um velho hábito de pensar enquanto fala, o homem-chave da conexão política São Paulo-Minas para o lançamento do Dr. Tancredo à Presidência da República, o Secretário de Governo, empresário Roberto Gusmão, dá por encerrada sua missão. Atrás da pesada mesa de seu gabinete no Palácio dos Bandeirantes, enquanto comanda reuniões de Secretários com o Governador Montoro para resolver a crise dos bóias-frias de Guariba e se prepara para assistir em Brasília à vitória de seu candidato no Colégio. Gusmão faz um balanço:

— O projeto político que eu vim executar na Secretaria de Governo, especialmente criada para isso, teve começo, meio e fim, e foi completamente vitorioso.

Empresário do Grupo Antártica, de Ribeirão Preto, de família mineira, Gusmão tem um estilo prático que lembra muito o do próprio Tancredo. Fala simples — um pouco puxada para o caipira —, onde os temas mais cosmopolitas e modernos se encaixam bem. E fala muito pouco, sendo sempre mais animado do que falante.

Político do PTB, antes da Revolução de Março, Roberto Guindo voltou à boca do palco de debate em 79, quando da criação do Partido Popular, ao lado de Tancredo Neves e do banqueiro Olavo Setúbal, como secretário do PP de São Paulo. Não deu certo a formação de um partido que ajudasse o Governo a promover a abertura e "que tivesse vocação para o poder", como define Gusmão. Mas daí para frente, tudo virou.

— Desde a incorporação do PP-PMDB, que ele liderou e conduziu, tudo o que o Tancredo fez deu cem por cento certo.

Não incluído entre os "12 homens do Presidente", gente de sua assessoria, Gusmão, no entanto, se situa talvez num plano ainda mais íntimo de afinidade com Tancredo: é da sua copa e cozinha política.

"Tudo acontece em São Paulo. Não se faz nada sem São Paulo".

Duas frases curtas de Tancredo que Gusmão não se cansou de ouvir em suas intermináveis viagens entre São Paulo e Belo Horizonte. Todas no estilo do mestre: sozinho, em avião de carreira, sem ninguém saber.

— Nada aconteceu por acaso. O crescimento, o amadurecimento e a consagração da sua candidatura foram conduzidos por ele. Tancredo foi o comandante de toda a estratégia com sua sensibilidade e maneira sutil de agir.

A importância de São Paulo, o peso da máquina da produção econômica e da classe dirigente. Eis um possível alvo, tradução do código representado pelas repetidas frases de Tancredo a Gusmão sobre a importância paulista para sua decisão de se lançar. E da boca de Roberto Gusmão partiram os primeiros sinais concretos de que Tancredo sairia do Governo de Minas para a disputa no Colégio.

Em abril, Gusmão admitia a hipótese de que, se houvesse nas oposições um candidato ao Colégio, este "teria ele ser do PMDB". Para, no golpe seguinte, no final de maio, numa entrevista à revista Veja, detonar as últimas pretensões presidenciais do Presidente do PMDB, Ulysses Guimarães: as oposições deviam desistir das Diretas, ir ao Colégio e o candidato não poderia ser outro — Tancredo de Almeida Neves.

— A base mais importante de todo trabalho político foram os Governadores eleitos pelo povo, que demonstraram competência para administrar a crise do regime. Souberam contornar a crise social sem repressão ao povo.

Os que apostaram, por exemplo, que a queda das grades do Palácio Bandeirantes, em 5 de abril de 82, representavam a queda da Bastilha dos Governos de Oposição, ainda recém-assumidos em 10 Estados do Brasil, erraram. Ao contrário: ali, a realidade brasileira mostrou a três Governadores que espiavam da janela do 2º andar do Palácio os manifestantes em combate com a PM que, se não houvesse uma união entre eles, todos corriam perigo.

Os três eram simplesmente, Franco Montoro, Leonel Brizola e Tancredo Neves, os Governadores dos mais importantes Estados da Federação. Desse dia, ficou no ar do Palácio uma frase ouvida do Dr. Tancredo, olhando pela janela os 300 manifestantes e travando o seguinte diálogo:

— Meu filho, é verdade que eles são do PC do B?

— Não sei, Governador — respondeu um assessor. “Mas a Polícia diz que são”.

— Se fosse em Minas isco não acontecia, não. Na véspera, a gente pegava uma Kombi e trazia toda a liderança ao Palácio para conversar — foi o comentário irônico do Dr. Tancredo.

Por tudo isso, pela necessidade de competência administrativa para a crise social e pela necessidade também da agilidade política por parte dos governos de Oposição é que a candidatura Tancredo teve que ser bordada, tecida primeiro entre eles, de dentro do poder conquistado nas umas.

Ao chegar na Secretaria de Governo de São Paulo, no primeiro trimestre do ano passado, Gusmão já encontrou sedimentada esta base política. A parte administrativa que caberia a Gusmão era apenas a de coordenar o secretariado, que não seria mais mexido até 15 de março deste ano. Quando terminaria o Projeto Político, que também começava ali?. E que, além de tudo, era prioritário em seu desempenho pessoal, já que Gusmão é hábil e competente na arte da discrição, qualidade predileta de Tancredo. Como conta Gusmão:

— Outro fator foi a aproximação com a classe dirigente, que se deu naturalmente por causa do perfil do candidato. O pacto empresarial-militar já estava mais que rompido depois da crise econômica dos últimos anos, abalados por falências e concordatas.

Para compor ainda mais esse fundo de quadro desenhado por Gusmão, acrescenta-se que a campanha das Diretas Já deu a última demonstrado que faltara, como diz o Secretário: “Para favorecer todo esse processo”. “O povo organizado” foi grande trunfo de toda a estratégia tancredista, bordada pelos Governadores de Estado. A única coisa feita por outras mãos ficou por conta do PDS:

— A candidatura Maluf encurralou a classe dirigente por que representava o malufismo. A continuidade de um processo e de um regime em franca decadência, envolvido com a corrupção, com os escândalos financeiros. Tudo isso marcava a candidatura Maluf.

De olhos fechados, Gusmão dá uma volta redonda no tema. Mas se permite arrematar com uma ironia: “Por fim, temos a grande proeza que foi o Governo Federal não apoiar o seu candidato, o que acabou por facilitar todo o processo”.

Em sua análise, Gusmão só fala com desenvoltura do processo torno um todo. É incapaz de um caso pessoal, embora muitas de suas missões solitárias tenham sido decisivas.

— Acabou a brincadeira! Agora o jogo é para gente adulta, profissionais. Vamos separar os amadores.

Essa frase também saiu da boca de Gusmão, logo depois de encerrada a Convenção do PMDB que lançou Tancredo para a vitória. Ela mostrou que começava a mudança do quadro e que ela seria irreversível.

A fase da candidatura já sacramentada, sediada em Brasília, tirou Gusmão aparente da disputa. Ele ficou com Montoro em São Paulo, andou mergulhado num low-profile. "Mas continuei indo ao encontro do Dr. Tancredo, às vezes ia só ao seu apartamento, sem ninguém saber. Saía daqui de manhã e, na hora do almoço, já estava de volta à minha mesa", conta Gusmão.

Seu desaparecimento das fotos e das notícias sucessórias, seu posicionamento discreto, bem ao gosto de Tancredo, foi notado pelo Presidente. Na semana passada ele recebeu um telefonema dele, quando Tancredo fez a piada:

— Você pode aparecer aqui em Brasília, porque nós já temos aqui uma casa de câmbio que troca os dólares paulistas por cruzeiros. Agora, você já pode aparecer mais por aqui, não precisa mais evitar Brasília.

Uma piada que pode conter um rumo futuro do Secretário de Governo, o homem da Conexão São Paulo, no Governo Tancredo Neves. (HAF)

(Página 22)